



Exclusivo

INTERNACIONAL

Taiwan, China, Estados Unidos – e o risco crescente de uma guerra mundial depois da visita de Pelosi



Annabelle Chih

A ilha visitada pela líder da Câmara dos Representantes dos EUA é ainda mais vulnerável do que a Ucrânia. A pequena nação insular não é reconhecida como independente pela comunidade internacional, mas pode estar no centro de um conflito entre Pequim e Washington – o que colocaria todo o mundo em risco



4 AGOSTO 2022 10:11

**Tiago Soares**
Jornalista**Catarina Maldonado Vasconcelos**

ÚLTIMAS

Morreu Jô Soares



Farmácias vão comprar 700 mil vacinas para a gripe

Mais duas execuções por tráfico de droga em Singapura, dez enforcamentos desde março



Dois dos municípios com a água mais cara do país ainda não baixaram preço

“**A** guerra pode começar com um único acidente”, resume o perito em relações internacionais Luís Tomé, no rescaldo da visita de Nancy Pelosi a Taiwan, esta semana. Depois de alertar para as consequências que a visita teria para a paz na região, Pequim levou a cabo exercícios militares de envergadura (com fogo real), bloqueou a ilha em seis frentes e lembrou que o espaço aéreo e marítimo na região não era internacional, mas chinês. O avião que transportava a presidente da Câmara dos Representantes dos Estados Unidos

teve de fazer um desvio por causa da demonstração de força chinesa.

Já esta quinta-feira, as forças armadas chinesas dispararam “múltiplos mísseis balísticos” nas águas que circundam a ilha, disse o Ministério da Defesa taiwanês, condenando “ações irracionais que minam a paz regional” e atribuindo o ataque ao Partido Comunista Chinês. O Exército Popular de Libertação da China confirmou o lançamento de mísseis, explicando ter-se tratado de “um ataque com mísseis convencionais multirregionais e de vários modelos em águas predeterminadas da parte leste da ilha de Taiwan”, e que “todos os mísseis atingiram o alvo com precisão”. Segundo a televisão estatal chinesa CCTV, a operação irá durar até domingo.



EXPRESSO DA MANHÃ

Expresso da Manhã: a brincar com o fogo, com duas Chinas como pano de fundo

Leia também →

Taiwan está a preparar-se para um cenário de guerra há anos, mas a visita de Pelosi “aumentou a tensão” entre Taipé, Pequim e Washington. “Quem conhece as posições de Pelosi em relação à China não ficou surpreendido com o seu discurso. Ainda assim, esperava mais contenção nas suas palavras”, diz Tomé, lembrando que a Casa Branca desaconselhou a visita e o próprio gabinete de Pelosi não a referiu oficialmente numa primeira fase.

A CHINA É HOJE MAIS FORTE

Marc Cheng, diretor executivo do Centro da União Europeia em Taiwan, coloca a iniciativa diplomática sob outra perspetiva: a visita “evidencia o esforço de Biden de empurrar a China para mais perto do campo ocidental” e “mostra o forte apoio e compromisso dos Estados Unidos com territórios e países democráticos”, sobretudo quando “todas as atenções estão focadas na guerra na Ucrânia”.

No entanto, é inegável que a decisão criou um “risco de escalada militar” como há muito não se via. Os três atores parecem estar a mudar o *status quo* que vigora desde 1979, e a posição da China é hoje mais favorável do que no passado: tem um dos exércitos mais fortes do mundo, a segunda maior despesa mundial com defesa e uma relação económica de superioridade em relação a Taipé, sendo responsável por 30% das exportações e 23% das importações da ilha.



Dispositivo militar colocado nas ilhas Kinmen, propriedade de Taiwan, de onde é possível avistar território da China continental Sam Yeh / Afp / Getty Images

Aliás, a China reagiu à visita de Pelosi com mais sanções económicas: esta quarta-feira suspendeu as exportações de fruta e areia natural para a ilha, aplicou ações disciplinares a duas fundações de Taiwan acusadas de serem independentistas e proibiu a entrada no continente de diretores das quatro maiores empresas de Taipei.

A pressão política que Pequim tem feito nos últimos anos resultou: há cada vez menos países que se atrevem a ter relações diplomáticas com Taiwan, que tem um governo adepto da linha dura em relação à China e de pendor independentista. Contudo, esta posição não é consensual no espectro político interno, e a esmagadora maioria dos cidadãos prefere a manutenção do *status quo*.

UCRÂNIA: SEMELHANÇAS, DIFERENÇAS E ALGUMAS LIÇÕES

Com grandes potências com arsenais nucleares nas vizinhanças, Taiwan e Ucrânia podem vir a partilhar o mesmo destino: Vladimir Putin acredita há muito que a Ucrânia deveria ser russa, e desde 1949 que o Partido Comunista da China vê Taiwan como um território que deveria ser gerido pelo regime (embora nunca tenha governado a pequena nação insular não reconhecida internacionalmente) e sem interferências externas.

Ainda assim, Hayoun Ryou-Ellison, especialista sul-coreana em segurança marítima do Indo-Pacífico, diferencia as duas disputas: “A visão da China é de que Taiwan deve ser um processo de reunificação nacional, como o da Alemanha em 1989, não através de uma invasão estrangeira, como está a acontecer na Ucrânia.”

No entanto, a opção militar estará sempre em cima da mesa. O 20.º Congresso do Partido Comunista Chinês é em outubro e vai influenciar as próximas decisões chinesas, diz Luís Tomé: Xi

Jinping é hoje líder absoluto e já disse querer resolver a situação de Taiwan no seu tempo de vida, de uma forma ou de outra. “Num regime tão nacionalista, não tem margem para recuar em relação a Taiwan. É a questão mais sensível para o partido.”



Str

“A China está a analisar o caso da Ucrânia e a avaliar se realmente tem uma capacidade militar esmagadora para tomar Taiwan pela guerra”, diz Hak Yin Li, investigador de Relações Internacionais na Universidade Internacional de Tóquio.

É que as lições retiradas da invasão da Ucrânia são difíceis para a China, detalha Timothy Heat, investigador na área da defesa internacional no *think-tank* norte-americano RAND. “Tal como os militares da Rússia, os da China têm sérios problemas, são inexperientes e não combatem numa guerra há 40 anos”. Um ataque marítimo para conquistar uma ilha é “muito mais difícil e arriscado do que simplesmente mover tropas através de uma

fronteira terrestre”, acrescenta o perito.

Há outro fator que também não é um pormenor: Taiwan tem um arsenal variado, incluindo minas marítimas e mísseis capazes de atingir Pequim, Xangai ou Qingdao, as principais cidades chinesas. Além disso, é a maior potência de semicondutores do mundo, e 10% dessa produção é importada pela China.

“Se Taiwan declarar independência, a China lançará uma guerra, independentemente do custo”, garante, ainda assim, Yu Sun, uma das diretoras do Programa da Ásia Oriental e do Programa da China no *think-tank* Stimson Center.

ENTRADA EM CENA DOS ESTADOS UNIDOS?

Nesse caso, Washington teria de decidir: ajudar ou não Taipei e em que moldes. Os Estados Unidos têm uma relação longa e estreita com Taiwan, estão obrigados pelo Congresso a fornecer armas defensivas em caso de invasão, e em maio Biden prometeu ao mundo que enviaria tropas para a ilha caso fosse necessário. Há um porta-aviões americano e mais equipamento naval na região. Se Pequim atacar, cumprirá a promessa?



Stefani Reynolds

“É 50/50 e uma decisão muito difícil. Se não o fizerem é o colapso total da sua credibilidade internacional e do sistema de alianças na Ásia-Pacífico”, responde Luís Tomé. Uma invasão bem-sucedida da China abriria o caminho para Pequim assumir o controlo de toda a região, e “os dias da hegemonia norte-americana terminariam”, corrobora Antonina Luszczkiewicz, especialista em política chinesa no Instituto de Ciência Política de Taiwan.

Apesar de tudo, Hak Yin Li lembra que as duas potências ainda têm contactos regulares ao mais alto nível. Biden falou com Xi dias antes da visita de Pelosi, e os dois lados “conhecem-se bem e adotarão uma contenção estratégica para não elevar o conflito militar.”

A alternativa à diplomacia é perigosa. Taiwan é um território muito pequeno e sem a retaguarda das fronteiras com países da

NATO: os seus 23 milhões de habitantes “estariam à mercê de uma destruição em larga escala muito maior do que o que está a acontecer na Ucrânia”, garante Tomé. E se os Estados Unidos entrassem no conflito, seria “expectável” que a China respondesse diretamente em solo norte-americano e, portanto, estaríamos perante uma “guerra mundial”. Conclui o perito: “Por isso é que é necessária racionalidade dos atores envolvidos”.

RELACIONADOS

Aviões chineses violam a zona de defesa e mísseis sobrevoam território de Taiwan

Expresso da Manhã: a brincar com o fogo, com duas Chinas como pano de fundo

Taiwan: China inicia os maiores exercícios militares de sempre junto à ilha

Nancy Pelosi vai mesmo visitar Taiwan: a China pode não reagir com uma intervenção militar, mas espera-se uma “demonstração de força”

“Não vamos abandonar o nosso compromisso com Taiwan”: Nancy Pelosi prometeu firmeza apesar das ameaças de Pequim

Taiwan. Moscovo defende que a China tem o direito de tomar medidas para proteger a soberania



+ **Exclusivos**